



Salvador - 2018

A INTERLOCUÇÃO ENTRE PAISAGEM E APRENDIZAGEM: O PERCURSO GUARANI

THE EXCHANGE BETWEEN LANDSCAPE AND LEARNING: THE GUARANI PATHWAY

LA INTERLOCACIÓN ENTRE PAISAJE Y APRENDIZAJE: EL PERCURSO GUARANI

EIXO TEMÁTICO: AMBIENTE, PRESERVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

BUENO, Flávia Assumpção de Godoy

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo FAU USP, Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Paisagem (NEP) FAU USP,
Arquiteta e Urbanista

flaviagodoybueno@usp.br

SANDEVILLE, Euler

Professor associado da Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Coordenador do Núcleo
de Estudos da Paisagem (NEP) FAU USP (<http://nep.arq.br>), Vice – Coordenador da Área de Concentração Paisagem e
Ambiente, Arquiteto, Arte educador, Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Especialização em Ecologia, Livre
Docente em Arquitetura e Urbanismo

euler@usp.br

A INTERLOCUÇÃO ENTRE PAISAGEM E APRENDIZAGEM: O PERCURSO GUARANI

THE EXCHANGE BETWEEN LANDSCAPE AND LEARNING: THE GUARNAI PATHWAY

LA INTERLOCACIÓN ENTRE PAISAJE Y APRENDIZAJE: EL PERCURSO GUARANI

EIXO TEMÁTICO: AMBIENTE, PRESERVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

RESUMO:

Esse artigo propõe ler algumas das formas tradicionais de aprendizagem Guarani e sua relação com a paisagem. Ao se relacionar, o Guarani abre um campo de conhecimento onde ritual e cotidiano não estão separados e assim desenvolve sua percepção, reconhece suas origens e coletividade como base de desenvolvimento e rede de relações. Esse artigo busca ilustrar alguns desses diferentes modos de produção do conhecimento, onde o saber não é algo homogêneo, mas um constante diálogo com o sensível, suas relações e tradições. Paisagem natural e urbana em justaposição são aqui contextos ora de dispersão, ora de alicerce para a rede de conhecimento. Nesse sentido, o artigo dará destaque às relações das crianças e adultos, no que diz respeito às práticas e atividades realizadas em conjunto. Assim sendo, buscaremos verificar como tais práticas acontecem através de seus espaços, bem como dialogam, interpretam e se apropriam do território.

PALAVRAS-CHAVE: aprendizagem; paisagem; rede; coletividade; tradição; território.

ABSTRACT:

This article proposes to read some of the traditional forms of Guarani learning and its relation with the landscape. By relating to one another, the Guarani opens a field of knowledge where ritual and daily events are not separated. In this way, they develop their perception, recognize their origins and collectivity as a basis for growth and network relationships. This article seeks to illustrate some of these different ways to construct knowledge, where they are not something homogeneous, but a constant dialogue among subtleties, their connections and traditions. Natural and urban landscape in juxtaposition, convey either contexts of dispersion, or foundations for knowledge networks. In this sense, the article will highlight the relationships between children and adults, with regard to practices and activities carried out together. Therefore, we will seek to verify how these practices happen through their spaces, as well as dialog, interpret and appropriate the territory.

KEYWORDS: learning; landscape; network; collectivity; tradition; territory.

RESUMEN:

Este artículo propone leer algunas de las formas tradicionales de aprendizaje guaraní y su relación con el paisaje. Al relacionarse, el Guarani abre un campo de conocimiento donde ritual y cotidiano no están separados y así desarrolla su percepción, reconoce sus orígenes y colectividad como base de desarrollo y red de relaciones. Este artículo busca ilustrar algunos de estos diferentes modos de producción del conocimiento, donde el saber no es algo homogéneo, sino un constante diálogo con lo sensible, sus relaciones y tradiciones. El paisaje natural y urbano en la yuxtaposición son aquí contextos ora de dispersión, ora de base para la red de conocimiento. En ese sentido, el artículo dará destaque a las relaciones de los niños y adultos, en lo que se refiere a las prácticas y actividades realizadas en conjunto. Así pues, buscaremos verificar cómo tales prácticas suceden a través de sus espacios, así como dialogan, interpretan y se apropia del

PALABRAS-CLAVE: aprendizaje; paisaje; la red; comunidad; la tradición; territorio.

INTRODUÇÃO

Esse artigo propõe apresentar os meios de construção do conhecimento na tradição indígena do povo Guarani na Aldeia do Jaraguá - SP. Como proposta, discorre a respeito da relação entre a formação na coletividade e a paisagem, vista pela infância na Aldeia do Jaraguá, hoje *Tekoa Ytu e Tekoa Pyau*.

Os Guarani respondem às formas de ensino tradicional do “branco”, o “juruá”, sob a ótica da formação de uma sociedade cada vez mais individualista e alienada do outro e de seu meio natural, por meio da resistência à experiência ocidental, pautada pela propriedade privada estranha à sua organização social. Essa reflexão tem como objetivo dar luz aos aspectos humanos e criativos que podem produzir solidariedade e coletividade, pelo processo de reconhecimento das diferenças e possibilidades de intercâmbio entre duas culturas - a ocidental, brasileira e urbana de São Paulo, e a indígena guarani - visando a interlocução com a paisagem e com o partilhar urbano onde se encontram. Por um lado, esse trabalho busca trazer à tona questões emergenciais de um povo que vive sob o risco de ser removido daquela terra e, portanto, procura documentar sua cultura, sensibilidades e contribuições para a cidade, através das atividades com as crianças guarani. Estabeleceremos um paralelo com teorias antropológicas e sobre a paisagem que abordam questões sobre a percepção, utilizando como base metodológica as reflexões de Tim Ingold, naquilo que ajudam a pensar a relação entre processos de conhecimento, território e a associação entre aprendizagem e sociabilização.

A APRENDIZAGEM GUARANI ATRAVÉS DA NARRATIVA EM UM CAMPO NÃO OCIDENTAL

Tim Ingold, pela sua experiência e trabalhos na antropologia e pela crítica à forma de aprendizagem classificatória da cultura ocidental, desenvolve estudos baseados na fenomenologia e no movimento natural da vida para compreender o mundo. Embora reconheçamos as distâncias entre o pensamento ocidental e as culturas tradicionais, vamos procurar os diálogos entre as reflexões de Ingold, em seu livro *Estar Vivo*, e o que observamos nessas comunidades no que diz respeito à construção de conhecimento.

Ingold defende uma forma de aprender onde a percepção é a principal ferramenta para o conhecimento. Conhecimento este que não é classificatório, mas narrado, experienciado. Ingold firma que as pessoas aprendem através da prática, portanto através de um constante fazer e perceber que se entrelaçam e se relacionam num campo subjetivo. Nesse sentido, para Ingold, o conhecimento acontece a partir de um conjunto de capacidades cognitivas e genéticas relacionados com a cultura e o viver. Assim, uma dinâmica emerge constantemente em processos. Tais processos, por essência, são movimentos inerentes à vida e a um deslocar-se por ela.

O conhecimento do habitante é forjado não pelo ajuste dos dados da observação dentro dos compartimentos de uma classificação recebida, mas por meio de histórias de peregrinação. Desmaranhar a malha e remontar os fragmentos resultantes em função das suas semelhanças e diferenças intrínsecas é destruir o seu próprio significado e coerência. [...] o conhecimento científico, tanto quanto o conhecimento dos habitantes, é gerado dentro das práticas de peregrinação. (INGOLD, 2011, p. 229)

Assim como Ingold afirma, o conhecimento é uma combinação entre interpretação cognitiva, cultural e genética, um produto do caminho percorrido. Esse movimento se renova a cada percurso e a cada geração.

Essa junção entre tradição e peculiaridades próprias do momento presente e suas especificidades é o que pretendemos descrever, a partir do contexto Guarani no Jaraguá.

O POVO GUARANI E A EXPERIÊNCIA URBANA DO JARAGUÁ

Os Guarani do Jaraguá, apesar de manterem sua língua, suas tradições, atividades na casa de reza, suas formas diferenciadas de relacionamento com as crianças, vivem em constante tensão pela possibilidade de perderem sua terra inserida em meio à metrópole paulistana. O intercâmbio com o não indígena, a falta de áreas de mata para caça e espaço para roça, bem como a inserção da aldeia no contexto urbano de periferia, influenciam e impactam em um novo desenho de identidade e formas de aprendizagem aos Guarani. Essa relação tensa com o entorno está em constante transformação, acelerada ainda mais pelas mudanças bruscas da região nos últimos 50 anos.

Assim o convite para que Jandira e Joaquim se transferissem com sua família para o Jaraguá estava inserido num contexto que envolvia o culto a uma paulistanidade ufanista e a crença que os índios, “mais naturais” preservariam aqueles locais históricos em meio a um remanescente de mata atlântica. (SILVA, 2008, p.23)

Acreditava-se que o povo indígena, por ser mais próximo das relações com a natureza, estaria apto a preservar e conviver com o restante de mata atlântica que havia na região do Pico do Jaraguá. Assim, nas bases do Jaraguá formou-se a *Tekoa Ytu*. A área onde hoje fica o outro aldeamento, a *Tekoa Pyau* (aldeia de cima) era ocupada por plantações utilizadas pelos povos iniciais da *Tekoa Ytu*.

Toda a região abrigava pequenas roças e nas redondezas havia apenas sítios, chácaras e muitas terras pertencentes à União. Também não havia a rodovia dos Bandeirantes. O ribeirão – curso d’água - que passa dentro da aldeia era repleto de peixes nos anos de 1960 e 1970 e, atualmente, encontra-se degradado devido ao despejo de esgoto das construções vizinhas e da estrutura de visitação turística do parque. Seu entorno, coberto por mata, ainda possuía pequenos animais como aves e mamíferos, para caça. A cidade foi rapidamente se aproximando da aldeia e ocupando os espaços que eram usados até então pelos Guarani. A construção da Rodovia dos Bandeirantes nos anos 1970, motivou a desenfreada especulação imobiliária no entorno do aldeamento, bem como o surgimento de ocupações populacionais irregulares e não planejadas. Um quadro que, na prática, criou a real ameaça de remoção desse povo, além de sua insegurança enquanto população tradicional. Assim, na configuração de hoje, a aldeia do Jaraguá tem área homologada, desde 1987 como terra indígena, apenas 1,7 hectáres - considerada a menor Terra indígena do Brasil. Em 21/08/2017, o ministério da justiça anula a portaria número 581, que foi Publicada no Diário Oficial da União de 21/08/2015, e dava posse permanente aos Guarnai 532 hectares de terra onde pouco mais da metade se sobrepunha ao Parque Estadual do Jaraguá.

Além de enfrentar na Justiça a oposição de posseiros, a demarcação da Terra Indígena Jaraguá também encara o governo do Estado de São Paulo. Cerca de 56,02% dos 532 hectares da terra estão sobrepostos ao Parque Estadual (PES) do Jaraguá, que parecem ter virado uma pedra no sapato do projeto de concessões privadas dos parques estaduais do governo de Geraldo Alckmin (PSDB/SP). www.institutosocioambiental.org

AS CRIANÇAS NA ALDEIA E O ENSINO—CRÍTICAS À EDUCAÇÃO DIFERENCIADA-CECI

A *Tekoa Pyau* (aldeia de cima) possui uma entrada principal, um portão vermelho que está sempre aberto, com uma rua interna de aproximadamente 50m de comprimento que leva até o CECI - Centro de Educação e Cultura Indígena. Em nossas visitas de estudo na *Tekoa Pyau* há sempre uma atmosfera pacífica: animais soltos, galinhas, gatos e cachorros percorrendo livremente, veem-se crianças e adultos sentados conversando ou compartilhando algum afazer doméstico. As portas das casas ficam abertas, há fumaça saindo de algumas delas e o cheiro de tabaco permeia o espaço. São casas muito simples e pequenas, de madeira e suspensas do solo, mas não são coladas umas às outras, ocupando as áreas descampadas e apenas algumas entre as árvores. Veem-se muitas crianças e adolescentes correndo entre o percurso da entrada de acesso até o CECI.

Remetendo a formas tradicionais, sem deixar de ser uma construção moderna, o CECI foi construído pela secretaria municipal de educação durante a gestão Marta Suplicy, a partir do projeto de municipalização da educação escolar indígena, que antes da CF88 ficava ao encargo da Funai. O CECI da *Tekoa Pyau* é composto por uma estrutura circular e outra retangular (Figura 1), onde ficam as salas de aula, rádio, informática, cozinha, secretaria e também uma grande cozinha fechada com vidro para que sejam vistos os preparos dos alimentos.



Figura 1: foto aérea da Tekoa Pyau
Fonte: Santos (2016, p.90)

A fim de preservar aspectos do modo de vida indígena, o CECI atende crianças de 0 a 6 anos e usa apenas a língua materna Guarani. As atividades ocorrem coletivamente, muitas vezes as famílias acompanham,

como por exemplo no fazer do artesanato tradicional, uma das práticas que estimula a coletividade entre a comunidade. No CECI, as crianças percorrem livremente, brincando com pebolim, bola, desenhando ou jogando. A maioria das crianças permanece descalça, os adultos estão por toda parte, sentados conversando, observando ou interagindo com as crianças. Há mães amamentando seus bebês ao lado de outras crianças mais velhas e é perceptível uma atmosfera informal e familiar.

Na fase de educação infantil, a família pode estar junto, não há separação entre faixas etárias e também não se divide o tempo com atividades preestabelecidas para cada momento. Existe uma espontaneidade para encarar os acontecimentos diários e tomar decisões do que fazer de acordo com o que surgir a cada momento. Essa liberdade e espontaneidade são o método que norteia as dinâmicas e relações. O CECI não exige das crianças os corpos parados da educação ocidental, sentados, alinhados, tampouco a separação de seus familiares, mas implica seus movimentos e emaranhamentos. Nesse sentido a maneira como os Guarani ensinam suas crianças se assemelha ao modo como Ingold descreve a construção de conhecimento.

Assim como poderes do corpo humano, as capacidades da mente não são dadas de antemão...É na arte da narrativa, não no poder de classificação, que a chave para a cognoscibilidade humana—e, por conseguinte, para a cultura—reside em última análise. (INGOLD, 2011, p. 242)

Ingold faz a ligação entre “cognoscibilidade”, conhecimento e cultura. O autor argumenta que, a cognição está diretamente relacionada à cultura, às narrativas e às experiências. Em última instância, aprender não está vinculado a uma sala de aula e a um transmitir do conhecimento passivo. Muito pelo contrário, aprendizagem para Ingold está no viver, no relacionar-se e no fluir dos movimentos. Esse ponto, dialoga com o ensino indígena, mais especificamente Guarani. Um outro aspecto de fundamental convergência entre a forma de ensinar Guarani e a forma de conceber aprendizagem do Ingold é que, para ambos, não faz sentido uma “educação” onde as crianças ficam fechadas numa sala de aula recebendo conteúdo passivamente. A seguir descreveremos alguns aspectos onde esse viver guarani se explicita e ora acolhe as formas de ensino *jurua*, ora as rejeita. Em ambos os casos, há uma permeabilidade que desenha esse aprender e essa cultura.

A rotina escolar do CECI começa cedo, após o desjejum quando os educadores levam as crianças pra a *Opy* (casa de reza). Lá acontecem, diariamente, cantos, danças e contação de histórias. Para os Guarani a cultura é tradicionalmente passada para as crianças de forma oral e contínua. Na escola diferenciada todos os professores são Guarani, os educadores não têm formação de magistério, mas são escolhidos por terem conhecimento tradicional dentro da aldeia. A comunicação com as crianças pequenas é exclusivamente em guarani e, além disso, usa-se calendário próprio e o currículo é elaborado por pessoas mais velhas ou lideranças consideradas sábias. Uma das funções da escola diferenciada é colocar em contato e em confronto práticas e valores de ambas culturas: indígena e não indígena. Um dos aspectos que pode trazer confronto com a forma de ensinar ocidental é o fato do CECI não possuir homogeneização das diferenças nas atividades e formas de “medir” a aprendizagem de acordo com cada faixa etária.

O CECI possui professores guarani e que valorizam a cultura tradicional, o que indica a aceitação desse povo indígena em frequentar a escola e não mais enxergá-la como lugar de dominação e imposição de costumes. A escola, para os Guarani da *Tekoa Pyau*, adquiriu importância por significar um lugar de respeito e reconhecimento do seu povo. Além disso, o fato de haver tecnologia e algumas atividades do não indígena

como jogos: pebolim, vôlei, escrita entre outras, também aproxima as duas culturas e abre um campo pra algo novo surgir: uma cultura nova, com aspectos de ambas. Esse povo indígena está cada vez mais inserido na sociedade ocidental, em um processo de reconstrução de sua identidade em uma condição marginalizada. No entanto, a mesma condição é vista pelos guaranis como uma oportunidade de interlocução com os *juruá*. Em contrapartida, quanto mais o indígena se insere na sociedade *juruá*, mais significativos se tornam seus rituais específicos.

AS FORMAS DE APRENDIZAGEM VALORIZADAS

Um dos rituais de origem usados até hoje é a cerimônia do batismo na casa de reza. Anualmente, em agosto, acontece o batismo da erva-mate (ka 'a Nhemongarai). É uma cerimônia que dura a noite toda, as crianças são levadas por suas mães que cortam o fumo e fervem a água para o chimarrão. Os homens ficam com a função de colher a erva e levar para a casa de reza ou *opy*. Em janeiro ocorre também o batismo das crianças Guarani após completarem um ano. É quando recebem seu nome que, de acordo com os Guarani, já pode ser dado conforme sua personalidade que começa a se manifestar. Outras atividades importantes na manutenção dos costumes indígenas são as atividades com miçangas, sementes, linha encerada, penas e fibras. Na escola, a construção de colares desenvolve a atenção, o senso estético, percepção e matemática. Esse trabalho coletivo, ensina as crianças, que observam seus pais e educadores. A culinária tradicional também ocorre no CECI ou na casa de reza e semanalmente preparam o milho cozido ou assado, batata doce assada, xipa (pão guarani feito de farinha de trigo), reviro (comida a base de trigo) e kavure (bolinho de farinha de trigo). Quando acontecem essas atividades de culinária, há um fortalecimento da comunidade que aparece tanto pra ajudar a executar como comer junto.

Nesse sentido, percebemos aqui, o cotidiano na *Tekoa Pyau* está diretamente relacionado a esses dois lugares: a casa de reza e o CECI. É no transitar entre esses dois pontos de ancoragem e integração que suas vidas se desenrolam. Apesar da memória guarani ser diariamente cultivada na casa de reza, na culinária e com a língua guarani; o espaço e a localização da aldeia, insuficientes para as atividades como pescaria, caça, roça e brincadeiras de rio, definem um específico tipo de cultura indígena. Sua configuração geográfica é de fronteira e coloca seu povo em contato diário com um fluxo de pessoas e costumes não indígenas. Isso tem vários aspectos e tocamos em alguns deles por considerarmos de fundamental para definição da sua cultura e, como coloca Ingold: “cognoscibilidade”.

Mesmo com essa constante permeabilidade, é impressionante a resistência Guarani ao preservarem suas raízes e costumes de origem. Em nossas visitas pela Aldeia seus valores aparecem por toda parte e extrapolam sua cultura criando quase que uma nova cultura ou forma de coletar conhecimento: a de resistência do Jaraguá. Como decorre Ingold:

Assim como os lugares são construídos como recipientes para as pessoas, assim também as pessoas – ou melhor, suas mentes – vieram a ser vistas como recipientes para elementos da tradição que são passados a elas dos seus ancestrais, e que elas, por sua vez, passarão aos seus descendentes. (INGOLD, 2011, p. 229)

Ingold sugere essa dinâmica onde o conhecimento não é estático, as tradições são sempre reavaliadas, há sempre intencionalmente ou não, em maior ou menor expressão, novas leituras e manifestações para as relações. Adriana Queiroz Testa, em sua tese de doutorado também conclui sobre a transformação dos saberes:

Onde pessoas e lugares são caminhos de criação e circulação, é impossível e indesejável manter coisas inalteradas. Elas se movem entre diferentes lugares e sujeitos e, com isso, se transformam e traduzem, condições indispensáveis para que se mantenham em circulação. Ou, recuperando a fala de um amigo mbya: mesmo para viver entre os deuses (em Nhanderu retã – a morada dos deuses) você morre aqui e se transforma, transformando também tudo que você aprendeu. Testa, 2014, p. 230

Assim como as paisagens, “lugares,” são recipientes flexíveis e permeáveis, seres humanos e sua teia de relações também são. O aprender espontâneo e livre, ora solitário, ora em grupo, o aprender no observar e no agir, sentindo e interagindo com o meio, requer adentrar num mundo imprevisível e fenomenológico. Assim podemos fazer um paralelo entre aprendizagem e paisagem, onde a paisagem não se limita a cartografia geográfica, ou um objeto separado do sujeito mas uma experiência porosa à vida. Onde significados são gerados e compreendidos nas relações desse viver. Jean-Marc Besse em seu livro *Ver a Terra*, decorre sobre os sentidos da paisagem:

A paisagem é compreendida menos como um objeto do que como uma representação, um valor, uma dimensão do discurso e da vida humana, ou ainda uma formação cultural. A paisagem “real” mesma é relativa a uma operação de “paisageamento”: a ideia que a paisagem real, visível, é o produto, às vezes contraditório, de um conjunto de intenções e de ações humanas” Besse, 2000, p.78

Andando pela Aldeia do Jaraguá é perceptível de forma bem explícita esse “paisageamento”. São justamente em situações de maior risco e limites, onde sua cultura é posta em cheque. De uma forma um tanto quanto inesperada, por de dentro de uma configuração totalmente inadequada, tanto tradicional como estruturalmente: eles vivem em situação de salubridade precária e sem espaço para fazerem suas roças e atividades tradicionais. Mesmo assim permanecem e rezam juntos, sustentam a língua Guarani e continuam trazendo elementos de sua cultura para o cotidiano.

Um exemplo do choque das tradições da aldeia com as materialidades do mundo ocidental é o lixo gerado pelos produtos comprados em mercados de não indígenas. Na casa de reza, os mais velhos instruem os mais novos a recolherem o lixo que fica espalhado pelo chão da aldeia e a não jogarem recipientes e materiais comprados em mercados. Assim podemos fazer um paralelo a esse lixo, que não é perecível, aos ocidentais. Eles ressaltam que o lixo tradicionalmente produzido pelo povo indígena—resto de alimentos e casca de frutas—voltam para terra, mas o lixo do não indígena, fica para sempre se não for recolhido. Essa metáfora de associar o *jurúá* ao lixo que transmite doenças e polui o ambiente está sempre presente. Vale ressaltar que esse lixo é gerado pelos produtos de mercados das imediações onde o guarani é obrigado a comprar para se alimentar e se vestir.

O cotidiano da *Tekoa Pyau* sugere uma atmosfera pacífica. Conversando com uma das lideranças soubemos que eles acolhem Guaranis de todas as partes do Brasil e que a aldeia funciona como um polo para abrigar outras pessoas indígenas que veem a São Paulo. Na *Tekoa Pyau* também são feitos festivais para atrair os não indígenas a conhecerem a culinária, o artesanato e gerar renda. Há outros festivais com intuito de fortalecimento da cultura, com enfoque nos jovens Guarani, para prepará-los politicamente e fortalecê-los dentro do movimento indígena propiciando novas parcerias. Há uma preocupação explícita em formar esses jovens e fortalecer a rede de contato entre eles. Nesses festivais só se fala guarani e eles são um exemplo real e ativo da tradição contemporânea e de resistência indígena.

Em justaposição a essa fortaleza cultural e de certa forma, política, há que se levar em consideração a posição geográfica da aldeia que, por um lado, pode ser estratégica por estar próxima as maiores vias de transporte do país e à metrópole; e por outro os coloca em situação de fronteira. Os Guarani do Jaraguá estão expostos a todas as adversidades e diversidades urbanas: a interação com o não indígena e sua cultura de periferia. Ficam expostos às drogas e ao crime urbanos, que muitas vezes se revelam dentro da aldeia. Não só o baile funk e algumas nuances culturais explícitas na moda e no agir mas a configuração de fronteira possibilita específicas manifestações desse povo indígena que sob tantos aspectos, mencionados no texto, mostra-se resistente, vivendo rituais onde o poder do enfumaçar do cachimbo, das rezas, danças e língua conecta com as sutilezas de suas raízes.

Uma outra forma de ilustrar a peculiaridade dessa cultura guarani urbana, tem sido através das reflexões geradas por nossa participação em um grupo de voluntários que frequenta semanalmente a *Tekoa Ytu* (aldeia de baixo) para promover atividades junto as crianças e cuidar da horta comunitária da aldeia. Logo de início, percebemos que havia uma inversão no considerado “norma”. Nós, os não indígenas, somos quem ensinamos a eles como plantarem, que plantas e folhas comerem e como comê-las. As crianças indígenas do Jaraguá, se alimentam em sua maioria, de produtos comprados em supermercado e pela comida oferecida no CECI, que segue o cardápio municipal regular com apenas algumas adaptações. Muitas crianças não gostam ou tem o hábito de se alimentarem de verduras e frutas. Quando presenciamos a paisagista voluntária e *juruá* ensinando as crianças indígenas sobre plantas, este é um exemplo de que estamos diante de uma nova cultura Guarani.

Constatamos que essa cultura é constantemente transformada pelo seu meio e vida urbana. Sua real e constante aprendizagem, é empírica e está sujeita a alterações. Não se trata mais de um cenário onde lá estão eles, os índios Guarani e cá estamos nós, ocidentais. Nesse contexto de fronteira, nas atividades semanais da horta, somos todos indivíduos de ancestralidades múltiplas compartilhando aprender e ensinar. As diferenças são o maior impulsionador dessa aprendizagem; é na prática e no reconhecer de algumas inversões que aprendemos mutuamente. A criança indígena do Jaraguá nos ensina sobre funk e nós a ensinamos a plantar.

As crianças da Tekoa Ytu adoram cantar. Quando estamos na horta, sempre de manhã, elas escolhem o que querem ouvir e muitas vezes nos mostram músicas no *Youtube* pelo celular. Nós, levamos violão e ensaiamos algumas letras em Guarani. O celular e a horta: dois “lugares” que se cruzam, duas redes de saberes em mãos invertidas que se entrelaçam e se mostram. Há uma beleza que surge de uma esperança de estar criando real sentido pra palavra solidariedade. Naquele “território” de tantas tensões e incertezas, falta de salubridade e infraestrutura, surge um brotar de humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Compreendida a distância entre as diferenças e similaridades entre a forma de conhecimento entre os Guarani e a ótica ocidental de Ingold, o trabalho feito mostra a situação muito peculiar da aldeia fortemente sobre impacto dessa inserção no meio urbano da cidade de São Paulo e mostra a resistência cultural desse povo.

Há uma justaposição dos riscos de assimilação territorial, pelo avanço da urbanização, assimilação econômica, pelas dificuldades de produção e consumo que não estejam atreladas ao mundo ocidental, e

assimilação cultural, pelo modelo escolar regular, recapitulando as estratégias guarani de resistência e como elas se atrelam a esta noção ingoldiana de conhecimento ao longo do percurso, pensando como crianças, professores guarani, visitantes não indígenas, objetos e práticas circulam.

REFERÊNCIAS:

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011

JANUÁRIO, Elias. **Cadernos de Educação Escolar Indígena: 3 grau indígena**. Barra do Bugres: UNEMAT; v.3, n.1, 2004

SANTOS, Chirley Maria de Souza A. **O Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI) da aldeia Tekoa Pyau: a cultura Guarani na escola de educação infantil e a atuação dos educadores indígenas**. Tese de Pós Graduação em Educação: História, Política, Sociedade (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016

SILVA, Fabio de Oliveira Nogueira. **Elementos de etnografia Mbya: lideranças e grupos familiares na aldeia Tekoá Pyaú (Jaraguá —São Paulo, SP)**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — FFLCH – Universidade de São Paulo.

SOCIOAMBIENTAL, Instituto. **Guarani prometem resistência contra anulação da Terra Indígena Jaraguá** Disponível em < <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/guarani-prometem-resistencia-contranulacao-da-terra-indigena-jaragua>> Acesso dia 6 de junho de 2018.

TESTA, Adriana Q. **Caminhos de Saberes Guarani Mbya: modos de criar, crescer e comunicar**. Tese de Pós-Graduação em Antropologia Social (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.